



A Relação entre Mídia e Educação¹

Fernanda Ribeiro BARROS²
Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A partir do conceito de comunicação e mídia, este trabalho busca analisar a relação da Mídia com a Educação e sua influência no campo educativo. Para essa análise foi utilizado como referencial teórico às contribuições de Barreto, Martín-Barbero, Caldas, Setton, Duarte, Chartier, Kensi, Cysneiros, Belloni, Silverstone, Negroponte, Pretto, Milton e Torres, sobre o conceito de comunicação, mídia, cultura e socialização. O trabalho conclui indicando que estudar mídia é primordial aos educadores e alunos, já que a escola tem sido um espaço de troca de todos os tipos de saberes, principalmente dos que são transmitidos pelas mídias em geral. Pretende-se com este trabalho contribuir para que o processo educativo escolar possa se tornar mais interessante partindo do diálogo e da reflexão crítica através do uso das mídias.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; educação, escola; aluno; comunicação; tecnologias.

Estudar mídia na educação é pensar no que a escola poderá contribuir para que as crianças se tornem utilizadoras (usuárias) criativas e críticas destas novas ferramentas e não meras consumidoras compulsivas de representações novas, e entender como a escola vem lidar com este desafio. Afinal, a educação vem sendo influenciada a todo o instante com os recursos midiáticos presentes em nossa sociedade contemporânea, através dos próprios alunos e dos profissionais que os utilizam na formação dos educandos.

Em seu texto: “Mídia, Escola e leitura crítica do mundo”, Graças Caldas (2006) enfatiza que não há possibilidade de se negar o estudo entre estas duas áreas.

Os percursos metodológicos entre as áreas de comunicação e educação vêm sendo trilhados há muito tempo, de forma paralela, sem que os especialistas desses campos do conhecimento consigam chegar a um denominador comum para a interface necessária no uso adequado da mídia na escola. (CALDAS, 2006: 118)

¹ Trabalho apresentado no DT 6 - Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante Recém-Graduada do Curso de Pedagogia da UFF- Niterói RJ, e atualmente aluna do Mestrado em Comunicação – Mídia e Cotidiano da UFF – Niterói, RJ, email: fernandyrb@yahoo.com.br.
Pesquisadora do LAPA-Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano



Não há como dispensar a possibilidade que estes recursos midiáticos proporcionam aos alunos a aprenderem e a se desenvolverem. Muitos dos conteúdos que são apresentados poderiam ser compreendidos com facilidade se estes recursos fossem relacionados ao que é programado pela escola.

Mas, como lidar com o com o conhecimento formal, necessário e indispensável à formação dos alunos, quando são permeados/atravessados pela velocidade do mundo da notícia, pela transformação do real em virtual e pela dificuldade crescente de compreensão na leitura dos textos e, conseqüentemente, na leitura do mundo? Não é uma tarefa fácil lidar com as mídias em sala de aula, afinal elas possuem uma linguagem específica e resumida, diferentemente da linguagem formal que engloba toda a nossa gramática e ortografia. O fato, é que também não podemos ignorar algo que cada vez mais cresce e está ao alcance de todos: os recursos midiáticos. A mídia com uma ferramenta didática poderá ou não colaborar com o enriquecimento dos conteúdos programáticos em sala de aula, e para a leitura crítica do mundo?

Como formar o cidadão frente à influência avassaladora da mídia no quadro de uma cultura pós-moderna fragmentada e fragmentadora? Qual o papel da escola neste processo? Quem mais uma vez educará os educadores? E quem forma os comunicadores? Qual seria, então, o caminho para a construção da cidadania pós-moderna e para garantir, assim, a sua emancipação? (CALDAS, 2006: 120)

A mídia na educação terá o papel de estímulo à leitura, interpretação e outra diversidade de possibilidades de aprendizagem que o aluno junto ao professor poderá alcançar. Além de nos beneficiarem, os recursos midiáticos influenciam em nossas atitudes e opiniões, mesmo que não percebamos nitidamente as transformações que eles podem nos causar.

Se pensarmos que a educação é um ato comunicativo e que a comunicação é, acima de tudo, um ato educativo, parece difícil compreender as razões para tantas divergências e desentendimentos entre essas duas áreas de conhecimento. Como artes ou como prática, muito mais complementares do que dicotômicas, educação e comunicação sabem que têm muito a ganhar atuando juntas. Por que, então, parece tão difícil articular seus saberes em uma prática comum? Por que os profissionais dessas áreas têm tanta dificuldade em estabelecer parcerias? Por que as relações entre eles se constituem muito mais pela via do duelo do que pela do diálogo? Por que insistem em enrijecer as fronteiras, cada vez mais tênues, que separem esses dois campos? (DUARTE, s/d: 1).



A hipótese central trabalhada por Duarte (s/d) é de se constatar a presença da mídia na escola, e como os profissionais da Educação têm lidado com isto em sala de aula, principalmente sobre os assuntos relacionados à *televisão*, que hoje é uma das mídias mais utilizadas pelas crianças e jovens, e possuem também muitos atrativos para eles. A presença da mídia na educação, se expressa através de conversas e trocas de experiências entre os alunos, mas também através da própria utilização que o professor faz de cada uma dessas ferramentas em suas aulas. Este pode ser um meio para ensinar, e dependendo da forma como forem utilizadas poderão colaborar com o processo de aprendizagem dos alunos.

Na sociedade do conhecimento e da comunicação de massas em que vivemos, a mídia tornou-se instrumento indispensável do processo educativo. O emprego dos órgãos de comunicação social pode contribuir nos processos pedagógicos, por meio da difusão de conteúdos cívicos e éticos, complementando a educação formal e não formal. (EDUCAÇÃO E MÍDIA. s/d. Disponível em <edu_midia_pnedh.pdf>)

As pesquisas de Duarte (s/d) focam os modos de apreender os fatos da cultura, pelos mais jovens, modos que assumem particularidades quando vistos a partir do olhar de educadores, no cotidiano o amor à narrativa, mas também os modos da cultura midiática. (DUARTE, s/d)

Um dos fenômenos mais recentes é o fenômeno Midiático. Além de fazer parte de nosso cotidiano, a mídia se tornou de interesse geral, provocando mudanças culturais na modernidade e impactos nas questões educacionais. Relacionando o fenômeno das mídias com a educação, consideramos as mídias enquanto agentes sociais da socialização, e da educação.

O estudioso inglês Roger Silverstone (2002), em *Por que estudar a mídia?* - mostra como é impossível pensar as relações entre mídia e educação sem pensar em lutas de poder, em estratégias de controle globalizadas, em batalhas pelo controle das grandes redes de comunicação e, ao mesmo tempo, em lutas de grupos e indivíduos para terem acesso e participação quanto à informação e ao direito de voz e de expressão.

Apostar que há um emaranhado rico de práticas, envolvendo toda uma tecnologia de produção de imagens, modos diferenciados de recepção e apropriação de narrativas audiovisuais, é apostar na análise das mídias como elementos fundamentais da cultura contemporânea. Significa também arriscar a pensar que materiais audiovisuais, do cinema, do vídeo e da televisão, em que as escolhas éticas e estéticas



dos criadores se pautam pelas incertezas da linguagem, pelo não fechamento das interpretações, pelas pequenas cintilações de uma obra aberta, disponível a um criativo gesto educacional.

O tema das Mídias é um assunto muito recente no âmbito da educação, e que poucos são aqueles que se dedicam a pesquisas relacionadas aos mesmos. De fato, é um tema polêmico e complexo que nos remete a questões delicadas moralmente e eticamente falando, e lida com conhecimentos interdisciplinares. Se tal tema é tão complexo, a atenção ao estudá-lo, precisa ser redobrada.

O assunto das mídias é bastante controverso (SETTON, 2011), desta forma, não há uma única abordagem ou teoria, pois trata - se de um tema grandioso. Não há uma forma única e definitiva sobre este assunto. Tal teoria abarca uma variedade de perspectivas e contribuições para a busca e pesquisas neste tema.

As mídias precisam ser vistas como agentes de socialização, ou seja, que possuem um papel educativo para a contemporaneidade, que funcionam como instâncias de valores, padrões e normas de comportamento e também servem como referências identitárias. Em seu livro, *Mídia e Educação*, Maria da Graça Setton irá sinalizar o poder das Mídias, quando escreve assim: “As mídias, então, são tão poderosas quanto seus companheiros de prática pedagógica, como a família e a escola, por exemplo.” (SETTON, 2011: 8)

Sendo assim, as instâncias educativas poderão estar em comunhão com as mídias, ou podem ser sua grande rival, e firmarem um conflito constante. São de grande influência as mídias, na formação moral e cognitiva dos indivíduos na atualidade, e não podemos desconsiderar que de alguma forma elas poderão nos beneficiar, no processo de ensino aprendizagem.

As mídias podem ser vistas como “espaços educativos”, na medida em que são responsáveis pela produção de uma série de informações e valores que ajudam os indivíduos a organizar suas vidas e suas ideias, e auxiliam na formação de opiniões sobre as coisas, de forma a compreender e se adaptar ao mundo. As mídias falam com alguém e esse alguém, somos nós - exprimem uma ideia, um conteúdo, transmitem, divulga conhecimentos, habilidades e competências. Para o bem ou mal, as mídias estão presentes em nossas vidas de forma cada vez mais “íntima”, “constante” e “forte” em nós.



Segundo Setton (2011), antes de se pensar na relação entre mídias e educação, é necessário fazer algumas reflexões sobre alguns eixos que permeiam os sentidos das mídias, o que a caracteriza, criando noções sobre a cultura e a socialização.

Primeiramente, ao falar do sentido antropológico das mídias, aqui, destacamos como uma atividade material e simbólica dos humanos; sendo cultura como capacidade que os indivíduos têm para criarem significados, e o potencial humano para interagir e se comunicar através de símbolos. Com isso, quando pensamos nesta definição no campo educacional, admitimos que as mídias, são produtoras de cultura. Um exemplo disso seria considerar que suas técnicas e conteúdos transmitidos pela TV, nas suas mais variadas formas, ajudam-nos, juntamente com valores produzidos e reconhecidos pela família, pela escola e pelo trabalho, a nos constituir como sujeitos, indivíduos e cidadãos com personalidade, vontade e subjetividade distintas. (SETTON, 2011)

Considerando a cultura, desde os anos 70, o Brasil vem convivendo profundamente com a realidade da cultura das mídias. Embora a sociedade não estivesse tão preparada linguisticamente, ainda um povo pouco letrado e uma sociedade pouco urbanizada se envolveram com uma terceira cultura, a cultura da comunicação de massa, que se desenvolveu e se firma através de outras culturas como as de caráter religioso, e escolar.

Através da cultura das mídias, podemos analisar as condições sociais de produção dessas mensagens, em que se estabelecem as relações de poder que é um importante aspecto, que é necessário considerar, expressando diversos modos de se ver o mundo. Para tratar um pouco sobre a cultura midiática, trazemos aqui partes da história da cultura e o seu conceito segundo a perspectiva de Maria da Graça Setton. Uma das primeiras utilizações da noção de cultura está datada nos anos 1500, porém essa noção se remetia à ideia e ao cuidado com alguns elementos, como animais e grãos. Aqui a cultura apresenta-se com um sentido bem diferente do que conhecemos hoje. Pretende-se com esse conceito, salientar sobre o entendimento do cultivo da mente humana, remetendo a ideia de cuidado, atenção e esforço de um ser em processo de desenvolvimento. Recentemente, a noção de cultura adotou uma nova perspectiva; assumiu o sentido de processo ou produto, como resultado de um esforço material e espiritual de indivíduos ou de grupos. (SETTON, 2011)

Como já mencionei anteriormente conceituar mídia, não é uma tarefa fácil, mas sim complexa. Mídia é um campo de estudo abrangente, que se refere aos meios de comunicação massivos, em geral, os que envolvem o entretenimento, lazer, e



informação, englobam mercadorias culturais com a divulgação de produtos e imagens e os meios eletrônicos de comunicação.

Para tratarmos de mídia, é preciso colocar em discussão também a socialização, que pode ser compreendida como um processo educativo que busca a transmissão, negociação e apropriação de saberes que ajudam na manutenção e ou transformação dos grupos e das sociedades. O processo de socialização pode ser definido sob dois eixos, primeiro com um processo de imposição de padrões e normas de conduta que tem por objetivo modular o nosso comportamento individual. Porém a socialização também pode ser vista como um processo que engloba um conjunto de experiências de aquisição de conhecimentos e de aprendizados por parte de todos nós, a partir de reflexões sobre a imposição desses padrões de conduta e sua interiorização. Nisto percebemos o quanto esse processo de socialização é tenso e conflituoso, quando observamos que há imposição e negociação de valores sociais. (SETTON, 2011)

Quantas vezes os adultos ao ensinar seus filhos e netos, sofrem resistência por parte desses por não quererem ouvir destes as orientações? E, por que isto acontece? O fato é que os valores que se quer transmitir, já não são valorizados pela sociedade contemporânea, e isto se reflete na vida das crianças e jovens de hoje. Embora, tudo o que se quer transmitir seja importante e moralmente positivo, hoje muitos podem não concordar. São valores expressos nas mensagens que transmitimos como pais e educadores tradicionais, e as mídias também fazem só que são valores da modernidade, sistematicamente transmitidos. Portanto, as mídias transmitem mensagens para a formação da identidade de todos. As mídias como parte deste processo de socialização, produzem cultura e contribuem para a sua formação e transmissão de valores e ideias.

Algumas empresas de comunicação vêm desenvolvendo projetos em escolas, mas seria interessante pensar sobre a qualidade do uso da mídia na sala de aula, seja na utilização de seus veículos originais ou em suas versões para a escola. Antes também é necessário pensar em formar educadores leitores críticos da mídia. Para isto devemos possibilitar a eles, a leitura do mundo para melhor compreenderem, eles próprios, o poder da mídia e o papel ocupado pelos diferentes veículos no espaço público. Só então poderão ensinar os alunos a pensarem, refletirem sobre os conteúdos e desenvolverem formas autônomas de pensar o mundo.

Portanto, compreender uma das culturas de nosso tempo, que é a mídia, a cultura midiática, como já foi citado anteriormente, pode ser um primeiro passo para se compreender a sociedade em que vivemos seus conflitos, lutas internas, interesses, etc.



Seria uma visão global de todas as expressões culturais da sociedade contemporânea, dando-nos a capacidade de fazer um diagnóstico da história de uma época e de uma sociedade. Algumas novelas ou seriados, por exemplo, são capazes de pôr em evidência conflitos identitários relativos ao preconceito racial de gênero.

Dessa forma, as culturas, dentre elas a midiática devem ser vistas como processo, nos atos de produção, nos atos em que envolvem a divulgação e nos atos de promoção das mensagens, bem como nos atos de recepção daquilo que é produzido. As mídias, não se resumiriam a objetos, símbolos morais ou bens materiais de uma sociedade, mas se apresentariam também como resultado das diferenças de sentido ou diferença de usos entre os diversos indivíduos que a produzem e a consomem. Assim, ela nos oferece os pontos de apoio e de orientação para os nossos comportamentos como também acontece com as outras matrizes da cultura.

Nas mídias estão presentes os processos de reapropriação e resignificação dos sentidos e conteúdos da cultura das mídias. Portanto os indivíduos que consomem os produtos das mídias não são passivos. Eles interpretam os conteúdos das mensagens a partir de uma bagagem de valores apreendidos em outras instâncias.

Assim, vemos que a diversidade de produtos suporte e formatos (cinema, teatro, música e mídia em geral), por fazer parte da construção do imaginário de alunos, professores, pais e sociedade, por fazer parte do universo cotidiano das pessoas, precisa ser incorporada ao processo de aprendizagem numa relação crítica, em que o aprender a pensar (Pedro Demo) seja parte integrante do aprender a aprender (Paulo Freire) para aprendê-lo a fazer (Célestien Freinet), ou seja, da apreensão da informação para sua transformação em conhecimento.

O conhecer é atividade especificamente humana; ultrapassa o mero dar-se conta de, e significa a apreensão, a interpretação. Conhecer supõe a presença de sujeitos; supõe um objeto ou problema que suscita sua atenção compreensiva; o uso de instrumentos de apreensão e um trabalho de debruçar-se sobre. Como fruto deste trabalho, cria-se uma representação do conhecido - que já não é mais o objeto inicial, mas uma construção do sujeito (resultado da relação que se estabelece entre sujeito e objeto). O conhecimento produz, assim, modelos de apreensão - que por sua vez vão instruir conhecimento futuros. Naturalmente, não existe uma única forma e um só caminho para o conhecimento. Nós conhecemos primordialmente como resultado de nossa vivência-nosso estar no mundo, nossa ação no mundo. Com isso, o trabalho



escolar tem apostado na mídia impressa e na comunicação interpessoal como forma básica de mediação entre os sujeitos e os objetos do conhecimento.

É possível afirmar que o caminho preferencial, estabelecido pela escola, vá do escrito para o escrito. Suas referências estão escritas e é pela escrita que seu domínio acaba sendo ou não comprovado. Assim, também é possível afirmar que as multimídias estão ligadas a uma forma de ruptura e também com o discurso pedagógico. Por isso, torna-se necessário considerar as análises da organização do trabalho docente e as políticas de formação de professores. (BARRETO, 1999)

A multimídia pode ser considerada como material de leitura porque “retoma, como crítica o princípio da Filosofia das Luzes³ diretamente ligado à educação. Porque, constatando esta separação entre textos escritos e icônicos, permite a amplitude da questão da leitura escolar legítima dentro do contexto da “revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.” (CHARTIER 1998, apud BARRETO, 1999: 13).

Em seu texto, *Multimídias, organização do trabalho docente, políticas de formação de professores* – Raquel Goulart Barreto esclarece alguns pontos considerando as ideias de Chartier, que na perspectiva educacional o conceito de ilustração é uma imagem ou figura remete a conhecimentos e saberes.

Pela primeira vez, no mesmo suporte, o texto, a imagem e o som podem ser conservados e transmitidos. [...] Existe aí uma força própria da mídia eletrônica para o projeto enciclopédico. Na mesma proporção, no suporte eletrônico, pode-se encontrar uma tradução da inspiração que caracterizou os grandes projetos enciclopédicos: torna-se possível a disponibilidade universal das palavras enunciadas e das coisas representadas. (CHARTIER, 1998: 134-5, apud BARRETO 1999).

Os textos multimídia são diferentes dos convencionais, pois são tecidos pela linguagem verbal escrita - mas também não há garantias de que a sua utilização produza as mudanças que se deseja no processo de ensino aprendizagem. As multimídias apresentam a necessidade de ampliar a questão da leitura na escola (BARRETO, 1999).

Os discursos da leitura para o ensino estão sempre no centro da questão da intencionalidade constitutiva; ler para adquirir conhecimentos e outras habilidades, como reproduzir, parafrasear, discutir, analisar, criticar ou avaliar textos escritos; ler

³ Corrente filosófica Iluminista que evoca à Luz da razão, a inteligência e o esclarecimento. A ignorância era identificada com as trevas. O raciocínio humano seria o meio de atingir o progresso em todos os campos – científico, social, político e moral.



para identificar o que supostamente está claro no texto; para desvelar o sentido correto que, não estando óbvio, demanda interpretação; para captar os sentidos possíveis e compreender as relações entre eles, atribuindo sentidos, com mais ou com menos liberdade aos textos. Vale ressaltar que as questões relativas à leitura escolar, mesmo quando centrada nos textos ditos “didáticos”, estão longe de direções que deem conta das suas múltiplas dimensões e condições concretas da sua produção. (BARRETO, 1999)

As múltiplas linguagens não apenas existem, mas se sobrepõem se infiltram, se articulam, no jogo da produção dos sentidos. Mas, como ler e, como ensinar a ler e trabalhar a leitura de diferentes e novos textos? (BARRETO, 1999)

Se os parâmetros lingüísticos não podem dar conta do que os extrapola, também é preciso reconhecer função imaginária que sustenta a sobre determinação da linguagem verbal na leitura das outras (ORLANI, 1994 apud BARRETO, 1999: 1).

Nicholas Negroponte, de acordo com o texto de Raquel Barreto, vai justificar a decisão de publicar seu livro em papel e sem ilustrações:

A multimídia interativa deixa muito pouco espaço para a imaginação. Tal e qual um filme de Hollywood, a narrativa multimídia inclui representações tão específicas que deixa cada vez menos espaço para a fantasia. A palavra escrita, ao contrário, estimula a formação de imagens e evoca metáforas cujo significado depende, sobretudo da imaginação e das experiências do leitor. (NEGROPONTE, 1995:13).

As questões postas pela multimídia educativa não se restringem aos gestos de leitura, abrangendo a sua mesma produção, ou seja, não podem ser minimizadas as relações entre conteúdo - forma, formalização, fórmula e formatação. (BARRETO, 1999)

Segundo Raquel Barreto (1999: 6), Cysneiros irá destacar:

A possibilidade de inovação (ou modernização) conservadora de uma determinada atividade, pelo uso da tecnologia. [...] Usos do computador que não mexem qualitativamente com a rotina da escola, do professor e do aluno, além de não explorarem os recursos únicos do computador, aparentam mudanças substantivas, quando na realidade apenas muda-se a aparência. [...] Com a ajuda de bons programadores e de especialistas em design, é relativamente fácil de transpor conteúdos impressos para o computador, sem grandes



mudanças, constituindo-se em exemplos de modernização conservadora.

Considerando que as condições de produção dos novos textos e das suas leituras podem não implicar rupturas em relação aos percursos escolares conhecidos, será preciso destacar que as políticas que sustentam a sua inserção na escola indicam, para além da continuidade, uma radicalização dos velhos modos de gestão: de fora e de cima. Retomando as observações de Nelson Pretto, em Sessão Especial da 22a Reunião Anual da ANPEd (1999), a autora afirma que foi assim com os livros didáticos, e tem sido assim com as novas tecnologias. (BARRETO, 1999)

Paulo Renato Souza (em 19/07/2000), Ministro da Educação declarou: “Uma avaliação recente nos mostrou esse fato grave: os professores não aprendem a ensinar. Desse jeito, como vamos ter uma boa educação?” Em se tratando de respostas, as questões relativas aos modos de apropriação das multimídias, das novas tecnologias da informação e da comunicação nos contextos educacionais, não podem passar por fora do discurso oficial. No caso, registrado no *site* da Secretaria Especial de Educação a Distância (SEED-MEC).

As metas da SEEDUC⁴ são, pois, levar para a escola pública toda a contribuição que os métodos, técnicas e tecnologias de educação à distância podem prestar à construção de um novo paradigma para a educação brasileira.

Conforme o texto de Raquel Barreto, citado anteriormente, as linhas de ação da SEED fundamentam-se na existência de um sistema tecnológico - cada vez mais barato, acessível e de manuseio mais simples – capaz de:

- trazer para a escola um enorme potencial didático-pedagógico;
- ampliar oportunidades onde os recursos são escassos;
- familiarizar o cidadão com a tecnologia que está em seu cotidiano;
- dar respostas flexíveis e personalizadas para pessoas que exigem diversidade.
- oferecer meios de atualizar rapidamente o conhecimento;
- estender os espaços educacionais;
- motivar os profissionais e alunos para aprenderem continuamente, em qualquer estágio de suas vidas.

⁴ Secretaria de Estado de Educação



Este conjunto de propostas parece tentar responder às necessidades concretas de um país marcado por profundas contradições. Surgem questionamentos acerca destas propostas e das relações entre elas, mas a principal razão para o seu destaque é o sujeito capaz de realizá-las: um sistema tecnológico - cada vez mais barato, acessível e de maneira de lidar mais simples. (BARRETO, 1999)

Se, como disse o Ministro, “os professores não aprendem a ensinar”, seria razoável supor que houvesse um plano para redimensionar os cursos de formação, enriquecendo-lhes com mais conteúdos e sintonia com as necessidades mais urgentes. (BARRETO, 1999)

Observa Torres (1998):

Até há pouco, quando se dizia formação ou capacitação docente, entendia-se formação inicial. Sempre se criticaram as instituições de formação docente por não se encarregarem da atualização e do aperfeiçoamento contínuo dos professores. Hoje, ao falar de formação ou capacitação docente, fala-se da capacitação em serviço. A questão mesma da formação inicial está se diluindo, desaparecendo. O financiamento nacional e internacional destinado à formação de professores é quase totalmente destinado a programas de capacitação em serviço (TORRES, 1998 apud BARRETO, 1999: 9)

A formação profissional parece poder ser equacionada de forma rápida, simples, objetiva e eficiente, passando da complexidade da objetivação das situações concretas para uma redução ao treinamento das habilidades desejáveis ao manejo dos materiais de ensino que, favoreçam um bom desempenho na avaliação específica. Portanto, as multimídias, no conjunto dos novos materiais didáticos, podem visar um controle sem precedentes das metas estabelecidas para a escola brasileira: a compreendida pelos parâmetros e diretrizes, sustentando as modalidades de “avaliação unificada” (SAEB, ENEN, Provão), na mediação dos programas de programas de educação a distância (TV Escola, ProInfo e Proformação), através do intensivo das tecnologias da informação e da comunicação (BARRETO, 1999).

A perspectiva do controle é central. O uso simplista das tecnologias aponta para a expropriação do trabalho do professor, cada vez mais constrangido à escolha restrita dos materiais didáticos disponíveis para as aulas e, nelas, ao controle do tempo de contato dos alunos com estes materiais. “As tecnologias, os supostos sujeitos da formulação transformista do MEC, têm sido tratadas como ferramentas e/ou



instrumentos, o que vale dizer: dissociadas da matéria, a ser trabalhada.” (BARRETO, 1999)

A perspectiva do controle também é fundamental à análise da atuação do Estado em relação ao Ensino Superior: maximizada no que tange à formação de professores e ao controle pedagógico, minimizada no que diz respeito ao financiamento e aos efeitos desta política. Esta perspectiva assumida cada vez mais clara e fielmente pelo Ministério da Educação, têm sido:

Grandes bancos de dados e programas a distância para serem consumidos, numa apreçoada interatividade que coloca professores e alunos apenas num patamar da chamada qualidade mínima. Em consonância com as orientações [econômicas], no sentido de privilegiar a formação mais ligeira e mais barata, como a “capacitação em serviço, à distância e em cursos mais rápidos”. (PRETTO, 1999 apud BARRETO, 1999).

Em síntese, esta política que compreende no oferecimento de mais treinamento aos professores e menos formação *stricto sensu*, é sustentada pelas pesquisas internas do Banco Mundial⁵ para as quais o desempenho dos alunos depende menos da formação dos professores e mais dos materiais pedagógicos utilizados. Daí a aposta clara nos livros didáticos do que às multimídias. (BARRETO, 1999)

No discurso do Banco Mundial⁶, a solução para a educação está na utilização de “tecnologias mais eficientes”, substituindo o professor na transmissão do conhecimento. Cysneiros (s/d) irá afirmar: “as novas invenções tecnológicas em educação têm sido historicamente consideradas como tecnologias de substituição - incluindo a substituição do professor - através de projetos originados fora da escola.” (BARRETO, 1999)

Nas palavras de Martín-Barbero (1997):

A imagem das "novas" tecnologias educa as classes populares latino-americanas na atitude mais conveniente para seus produtores: a fascinação pelo novo fetiche [...] Uma das "novidades" que as modernas tecnologias da comunicação supostamente apresentam é a contemporaneidade entre o tempo da sua produção nos países ricos e o do seu consumo nos países pobres: pela primeira vez não estaríamos recebendo as máquinas de segunda mão! Enganosa contemporaneidade, porém, uma vez que encobre a não contemporaneidade entre objetos e práticas, entre tecnologias e usos, impedindo-nos assim de compreender os sentidos que sua apropriação

⁵ Agência especializada independente do Sistema das Nações Unidas, e é a maior fonte global de assistência para o desenvolvimento, proporcionando bilhões anuais em empréstimos e doações a países membros. O Brasil é parceiro do Banco Mundial há mais de 60 anos.



adquire historicamente. (MARTÍN-BARBERO, 1997 apud BARRETO, 1999)

Em se tratando da apropriação pedagógica das novas tecnologias da informação e da comunicação, é preciso considerar o quanto é complexo contextualizá-las. Os materiais de ensino têm tomado o lugar do trabalho docente; o “sistema tecnológico” no lugar do sujeito, os “métodos, técnicas e tecnologias de educação à distância” sustentando a “construção de um novo problema para a educação brasileira”. (BARRETO, 1999)

A configuração multimídia dos textos escolares não caracteriza em si uma “revolução”, como instrumentos capazes de mudar toda a educação. E também não é uma tentativa de aproximação dos textos escolares em relação aos da mídia (ou mídias). Os “novos textos” não implicam, necessariamente, novas leituras e, para superar isto, é preciso “redimensionar” as condições da sua produção nas “práticas pedagógicas” concretas. (BARRETO, 1999)

De acordo com Raquel Barreto (1999) Kenski (2000) irá afirmar:

A escola precisa investir na formação de leitores por diversos caminhos e linguagens. Precisa também ampliar suas concepções de linguagem, de leitura e de escrita para incorporar as mediações textuais feitas a partir do uso das tecnologias digitais (KENSKI, 2000:133, apud BARRETO, 1999).

O olhar crítico dos novos textos, tecidos por múltiplas linguagens, aponta para novas mediações, e para a abertura de possibilidades e não para a formação profissional. Aponta também não apenas para atratividade, interatividade, acessibilidade e universalidade, para o técnico, mas para a amplitude das condições concretas da sua produção. Portanto, requer uma análise abrangente diferente da perspectiva economicista, que assume o mercado como fim.

Na cultura midiática contemporânea, o que mais há de comum são os textos diversos, que reúnem texto verbal e imagens, ou texto verbal e sistemas sonoros (ruídos e sons musicais) ou os três. Qualquer imagem, mesmo isolada de qualquer outro tipo de mídia, deve ser sempre considerada como sendo um discurso. (MILTON, 2002)

A mídia nunca é, portanto, apenas um “testemunho da realidade”, mas deve ser pensada dentro de um contexto e voltada para toda a realidade de uma sociedade. Portanto, fornecer os elementos necessários a alunos e professores para fazerem a



leitura crítica da mídia a partir da leitura do mundo, é tarefa ímpar da escola, que tem ou deveria ter os instrumentos necessários para estabelecer a necessária relação e conexão entre os fragmentos dos fatos e sua historicidade.

A mídia representa um campo autônomo do conhecimento que deve ser estudado e ensinado às crianças da mesma forma que estudamos e ensinamos a literatura, por exemplo. A integração da mídia à escola tem necessariamente de ser realizada nestes dois níveis: enquanto objeto de estudo, fornecendo às crianças e aos adolescentes os meios de dominar esta nova linguagem; e enquanto instrumento pedagógico, fornecendo aos professores suportes altamente eficaz para a melhoria da qualidade do ensino, porque adaptados ao universo infantil. (BELLONI, 1991: 7)

Percebemos o quanto as mídias fazem parte de nosso cotidiano sem que muitas vezes percebamos sua total influência e muitas vezes nossa dependência e apego à elas. Não há como separar em mundos diferentes, homens e máquinas, arte e tecnologia, isto não é possível. E é cada vez mais urgente discutir em nosso país, o embate entre tecnologias midiáticas e práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGO DA WEB: Educação e Mídia. Disponível em <edu_midia_pnedh.pdf>.

BARRETO, Raquel G. *Multimídias, organização do trabalho docente, políticas de formação de professores*. Anped. Sessão Especial. p.1-14. 1999. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/se1.PDF>>.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia - educação*. 2ªed. Campinas SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

CALDAS, Graça. Mídia, Escola e leitura crítica do mundo. *Revista Educação e Sociedade*, [on line]. jan./abr. 2006, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 117-130 Disponível em <<http://www.scielo.br>>.

CITELLI, Adilson. *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 1- 10.



DUARTE, Rosália. *Educação e comunicação: diálogo ou duelo?* Do portal da Rede do Brasil. Disponível em <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/54.pdf>>.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; *Comunicação, cultura e hegemonia: Dos meios às Mediações*. UFRJ, RJ: 5ª ed. 2008.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: Introdução às análises de discursos*. 2ª ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002. 128 páginas.

SETTON, Maria da Graça. *Mídia e Educação. Mídias: Uma nova matriz de cultura* 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a Mídia?* São Paulo, Loyola, 2002.

Sites visitados:

<http://www.futura.org.br>

<http://www.m.wikipedia.org>

<http://www.m.wook.pt>

<http://www.onu.org.org.br>

<http://www.scielo.br>

<http://www.slideshare.net>